

O centenário de Josué de Castro

Com um vasto programa de eventos comemorativos, no Brasil, na França e em vários fóruns internacionais, celebra-se, no corrente mês de setembro, o centenário de nascimento do cientista e pensador pernambucano Josué (Apolônio) de Castro, que ganhou notoridade universal por seus estudos e sua luta contra um dos mais antigos e emblemáticos dos problemas humanos, a fome.

Torna-se pertinente e relevante, nessa oportunidade, resgatar idéias e fatos marcantes de sua biografia científica e sua obra como homem público, não apenas como evocação histórica e até iconográfica, mas, sobretudo, pela permanência, atualização e sentido prospectivo de seus ensinamentos e reflexões para entender os problemas de hoje e os desafios do futuro.

De fato, o drama universal da fome, suas conseqüências biológicas e sociais e suas raízes estruturais fincadas profundamente no "solo sedimentar" da história das civilizações e das sociedades, retratado em seus livros traduzidos em 25 idiomas, representa o campo de leitura mais representativo das grandes desigualdades que deformam as estruturas e funções do organismo social. Assim, mais do que sua dimensão epidemiológica, atingindo 2/3 da população humana quando a "Geografia da Fome"¹ e a "Geopolítica da Fome" foram publicadas em suas edições originais, a privação aguda ou crônica de alimentos representa o núcleo de uma questão que se amplia em vários círculos concêntricos. Ao lado da falta de alimentos, a falta de moradia, de vestuário, de educação, de condições favoráveis de saúde, de acesso a postos de trabalhos cultural e eticamente aceitáveis, a fome é um tropo, como diria o epistemólogo de saúde Djalma Agripino.

Mais do que sua expressão biológica, é um vocábulo polissêmico, que expressa múltiplas carências, não apenas de princípios nutritivos (calorias, proteínas, sais minerais e vitaminas) mas, de princípios fundados em razões e valores de uma ordem moral e política referenciada no interesse coletivo. É uma questão de justiça, como na ética aristotélica, nos fundamentos do taoísmo, nos "mores" do socialismo primitivo, no discurso (não na prática política) da Revolução Francesa, na dialética de Marx, na utopia propositiva de Thomas More ou na antevisão de um governo universal para a gestão solidária dos problemas humanas, como chegou a defender, explicitamente, o próprio Josué de Castro.

Acima dos saberes particularistas da ciência, da tecnologia e seus especialistas, dos poderes universais dos monopólios, oligopólios e sistemas cartelizados das economias de mercado, o problema persistente das várias formas de fome só pode ser equacionado mediante um novo modelo de desenvolvimento que possa conjugar quatro objetivos e estratégias num único processo: a vertente econômica, o interesse social, a preservação do meio ambiente e, no plano político e cultural, os direitos e deveres de co-participação. São estes os fundamentos de uma terceira via, fora da polarização entre o estatismo e o liberalismo de mercados, um dilema que parecia plenamente resolvido há 19 anos, quando houve a demolição do muro de Berlim e a abertura da Cortina de Ferro. Eram fatos que pareciam o anúncio de uma nova civilização demarcada pelo jogo livremente competitivo das forças econômicas. Hoje está visto que a esperança era equivocada.

Há 30 anos passados, Josué de Castro já havia, quase profeticamente, antecipado a crise dos tempos pós-modernos, com a gravidade dos riscos ambientais (esgotamento dos recursos naturais, poluição dos ares, solos, águas continentais e oceânicas), déficit das matrizes energéticas, gap crescente entre os países mais ricos e mais pobres, clivagem cada vez mais acentuada entre estratos socioeconômicos, o que muda radicalmente a agenda dos problemas humanos. Estas ameaças e seus desdobramentos já haviam sido previstas por Josué de Castro. A dimensão ambiental do desenvolvimento humano e seu devido encaminhamento, como agora propõem e propagam os analistas e pensadores de um novo modelo, como Daly *et al.*², Sen³ e Conway,⁴ já figuravam, com um relevo crescente, nas preocupações de Josué de Castro.

Qual a definição atual de segurança alimentar e nutricional?

Resumidamente, seria a condição em que todas as pessoas, em todos os lugares, durante todo o tempo, teriam acesso aos alimentos básicos necessários para o pleno atendimento de suas necessidades biológicas de energia e nutrientes, de forma equilibrada e adequada, isto é, respeitadas as condições fisiológicas, ocupacionais, patológicas e os hábitos alimentares saudáveis de cada cultura. O conceito se completa com a recomendação de que estes requisitos sejam atendidos sem restrição de outros direitos fundamentais, como saúde, educação, moradia, vestuário e transporte, mediante o exercício de um trabalho profissional ética e cultural-

mente aceitável. Ademais, se prescreve que estes direitos fundamentais sejam observados dentro de um sistema de produção e circulação de bens e serviços ecologicamente sustentável.

Relendo Josué de Castro, percebe-se que todo o conteúdo desta proposição revolucionária acha-se delineado nos vários livros, artigos, conferências e coletâneas que compõem sua obra intelectual. É o grande desafio da humanidade para o Século XXI. Por conseguinte, ao comemorar o centenário de seu nascimento, mais do que o retrospecto dos últimos 100 anos, resgata-se um ideário e uma proposição que deve mobilizar a presente e as futuras gerações para a reconstrução de um novo modelo de convivência do homem com a natureza e com os próprios homens, organizados em sociedade solidárias.

Malaquias Batista Filho

Departamento de Pesquisa, e Pós-Graduação em Saúde Materno Infantil. Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira, IMIP.

Referência

1. Castro J. Geografia da fome. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. Griphus; 1992.
2. Daly H, Czech B, Trauger WER, Grover M, Dobson T, Trombulak SC. Are we consuming too much-for what? *Cons Biol.* 2007; 21: 1359-62.
3. Sen A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
4. Conway G. The doubly green revolution: food for all in the twenty-first century. London: Penguin; 1997.